



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**MARINA LIMA DE SOUZA**

**AS NARRATIVAS DAS JOVENS ESCRITORAS  
DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2021**

**MARINA LIMA DE SOUZA**

**AS NARRATIVAS DAS JOVENS ESCRITORAS  
DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade projeto de pesquisa apresentado pelo Instituto de Humanidade e Letras dos Malês como requisito para obtenção do título de Bacharela em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Lima Santos.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2021**

**MARINA LIMA DE SOUZA**

**AS NARRATIVAS DAS JOVENS ESCRITORAS  
DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharela em Humanidades.

Aprovado em 24 de agosto de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Denilson Lima Santos (Orientador)**

Doutor em Estudos Literários pela Universidad de Antioquia, Colômbia (UdeA)

Professor Adjunto da UNILAB-Campus dos Malês

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Silva Souza**

Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas (UNICAMP)

Professora Adjunta da UFBA

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Jucélia Bispo dos Santos**

Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Professora Adjunta da UNILAB-Campus dos Malês

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente quero agradecer a Deus por ter chegado até aqui. Também a minha pequena e amada Musoni, sem você nada disso faria sentido, pois agora seu amor, sua vida e esse sorriso mais lindo e precioso é o que me move.

A minha Mainha Marize, obrigada! Por ter sempre acreditado em mim e por seu amor.  
Minha tia e madrinha Adelice por todo seu apoio, uma segunda mãe.

Ao meu irmão Bruno e à minha irmã Rosimeire.

À minha sobrinha, pitoco de tia, Bruna Monique. Amo você!

Ao meu orientador Denilson Lima, gratidão, gratidão! Por sua paciência e companheirismo, sem você tudo seria mais difícil, uma orientanda que só produz depois que a cria dorme, desculpa meus e-mails de madrugada. Te admiro muito!

Ao Israel Manuel que foi uma espécie de co-orientador, não tenho palavras para agradecer tamanha generosidade e puxões de orelha “você precisa ler mais e ter mais referências”. Nunca vou esquecer o que fez por mim. Fortaleceu demais! Valeu!

Às minhas amigas Gabriele Baptista e Fabiana Pedreira, Vandelma Oliveira que também me auxiliaram nesses processos com dicas valiosas.

Ao meu amigo e irmão Yuri Crisostomo por ser tão incrível! E ter me feito sorrir várias vezes, quando queria chorar.

Vaguiner Braz meu amigo, você não poderia faltar, óbvio, não é não? Te amo!

E às escritoras do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Tudo isso é por vocês e para vocês.  
Só gratidão!

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>PROBLEMATIZAÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>5</b>	<b>HIPÓTESE E OBJETIVOS</b>	<b>16</b>
<b>6</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>16</b>
6.1	GERAL	16
6.2	ESPECÍFICOS	16
<b>7</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>17</b>
<b>8</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>19</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>21</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente em todas as sociedades humanas as mulheres muitas vezes são vistas como seres de segunda categoria. Uma construção social que tem os seus fundamentos no sistema patriarcal que coloca o homem na primeira posição da hierarquia. Dentro desse quadro, podemos perceber que a figura masculina colocada como superior socialmente e instrumentalizada pelo sistema em questão, se manifesta o tempo todo através do não reconhecimento da alteridade feminina, ou seja, oprime sistemicamente a mulher através das instituições estabelecidas, ou de outras formas.

Na sociedade brasileira desde sempre as mulheres são vítimas das opressões masculinas por meio de muitas formas. Essas opressões são ainda mais graves quando se trata de uma mulher negra e periférica, isto é, a mulher negra sofre o dobro das opressões produzidas pelo sistema patriarcal. Basta voltarmos nossos olhos para o mapa da violência, por exemplo, que em 2017 “o Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) recebeu 26.835 registros de estupros em todo o país, o que equivale a 73 estupros registrados a cada dia daquele ano” (MAPA, 2017). Do contingente de informações sobre violência de gênero, 83% (oitenta e três por cento) foram contra mulher. Além disso, observa-se que elas são silenciadas socialmente, bem como são vítimas de violência simbólica, patrimonial, psicológica, entre outras.

Muitas mulheres encontram na poesia o refúgio e o lugar de expressarem aquilo que mais afeta seu íntimo. No caso das mulheres do Subúrbio Ferroviário de Salvador é a poética que lhes serve de abrigo, no que se refere a lidar com a vida, embora todos os atravessamentos causados pelo Estado, seja através da vulnerabilidade das violências da fome e do genocídio da população negra: tão letal nesse território. As dores carregadas pelas perdas e tristezas são vistas e sentidas através das palavras. É a palavra que deságua em forma de desabafo e protesto.

Dito isso, neste projeto de pesquisa pretendemos analisar a relação entre as jovens mulheres periféricas e a poesia a partir das narrativas das jovens escritoras do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Nesse caso, a compreensão dos processos de apagamento das narrativas das mulheres negras, especificamente das escritoras do Subúrbio Ferroviário de Salvador, faz-se necessário para a construção do nosso texto.

Para observarmos e analisarmos como as mulheres suburbanas transitam entre as narrativas de vida e da literatura, queremos, primeiramente, nos embasar no conceito de

poéticas: performance e inscrição (QUEIROZ, 2005) e escrevivência (EVARISTO, 2021) — essa aqui em diálogo com os Letramentos de reexistência (SOUZA, 2011). Essas categorias analíticas facilitarão nossa pesquisa e sobre elas abordaremos de maneira precisa mais à frente. No entanto, chamamos a atenção para a necessidade de observar a relação da palavra com a vida:

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, inventava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe criava para as filhas nasciam com nome e história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia. (EVARISTO, 2005, p. 201).

Tirar o sustento do mar é uma das características marcantes para quem mora no Subúrbio. Mulheres e homens acordam cedo para pescar e mariscar, depois tratam o pescado e o vendem. Muitas dessas práticas acontecem pelo motivo do Subúrbio ser banhado por praias, inclusive faz parte da Bahia de Todos os Santos. O comércio informal é o que mantém a economia de muitos trabalhadores que moram no Subúrbio. Todos os moradores sabem que aqui tem um outro tempo, principalmente pela distância dos grandes centros comerciais.

Aqui no Subúrbio, ainda se consegue ver moradores sentados na frente da porta conversando. É toda uma intimidade que dificilmente seria visualizada no centro. Sabemos em nossas redondezas quem é filho e neto de quem, embora a violência e o genocídio, principalmente dos homens negros, são bastante frequentes no cotidiano, sendo considerada até normal por muitos que se acostumaram com essas violências.

É nesse “não se acostumar” que propomos este projeto. Temos em mente ouvir as narrativas periféricas que estão eivadas de poeticidade e escrevivência. Talvez essa pesquisa possa visibilizar as mulheres que habitam o Subúrbio e de seu cotidiano tira o sustento e a matéria estética para seguir na lida da vida.

## 2 JUSTIFICATIVA

Esse projeto de pesquisa surge a partir da observação e da possibilidade suprir a necessidade de investigar os contextos históricos em que muitas mulheres, como eu, estão inseridas na construção das suas histórias, na urgência de ecoar vozes silenciadas ao longo tempo. Tudo isso é fruto de uma estrutura racista e patriarcal, que deslegitimam o lugar de fala (DJAMILA, 2018) e tentam apagar as memórias. Mas, mesmo assim, elas, a partir de suas dores tecem suas angústias e as transformam em poética. Por outro lado, parte de uma visão que experimentei como mulher, negra, moradora do Subúrbio Ferroviário de Salvador, pois tive meu primeiro contato com a escrita ainda na adolescência. Ali comecei a criar nas palavras um lugar de refúgio diante da timidez.

Para materializar as narrativas e poéticas dessas irmãs suburbanas, proponho a realização de um documentário. A ideia do documentário é entrevistar mulheres negras do Subúrbio Ferroviário de Salvador em pontos estratégicos, saraus, domicílios, lugares característicos que represente o Subúrbio, por exemplo, o Acervo da Laje, no bairro São João do Cabrito. De igual modo, iremos conciliar as falas das entrevistas anteriores com as vozes das entrevistadas e imagens já captadas ao longo dos 09 (nove) anos do Coletivo Cutucar, isto é, Coletivo de jovens artistas moradores do Subúrbio que trabalham com audiovisual.

O Documentário permitirá aos telespectadores se conectarem, através do áudio e imagem, com mulheres que são reais. Além disso, o público que assistir ao produto desse projeto poderá se aproximar e conhecer a fisionomia das escritoras. Elas que são todas negras e passam cotidianamente por um processo de apagamento histórico.

É preciso dar nome e voz a essas mulheres e também ter algo palpável para além de uma construção escrita, permitindo que esse material participe de festivais e seja disponibilizado após um tempo nas mídias. Para isso, vislumbramos esse trabalho como um elemento fundamental para a divulgação e um possível reconhecimento dessas autoras negras suburbanas, através da publicação dos seus trabalhos. As histórias contadas a partir de filmagens do cotidiano, desde a relação da personagem com a família, até o processo de criação literária, poderá ser parte de um diário de bordo. Esse trajeto me permitirá participar e interagir com todas elas.

Diante do que expusemos até aqui, realizar essa pesquisa vai ajudar na divulgação dos trabalhos literários das escritoras suburbanas, criando um espaço para que outras jovens se reconheçam e compreendam que a literatura parte de um lugar que foge de padrões pré-estabelecidos e que é possível criar narrativas poéticas em qualquer espaço, inclusive fora de ambientes acadêmicos.

Igualmente importante é que também encontrei na poesia outro jeito de olhar o mundo, no intuito de apresentar meu território sem estereótipos, diante de uma mídia que vende apenas um ambiente de violência, sem vivências reais. No poema “Hashtags”, da minha autoria, pergunto: “Você sabe onde fica Paripe?” É um questionamento que vem de dentro para fora, pois somos bombardeados com histórias outras que não contemplam nossas existências como seres produtores de diversos saberes. A necessidade de um reconhecimento do que somos, ou desse devir literário que se estabelece através da identidade da mulher negra. Como tal, eu parto da palavra que apresenta meu mundo, seja em momentos de felicidades ou das tristezas decorrentes ao dia a dia da minha comunidade.

Encontro na escrita uma válvula de escape para sentimentos ainda desconhecidos. Aos 17 anos de idade, percebi que a escrita seria um suporte necessário de luta. Nada me faria calar, já que agora transcendo do objeto palavra.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p. 202).

Com este projeto de pesquisa pretendo analisar a escrita como espaço de resistência e de potência em localidades não imaginadas, trazendo novas leituras e pluralidades ao campo acadêmico, mas com respeito às individualidades e aos saberes epistêmicos de um grupo ainda marginalizado. Pretendo, dessa forma, descrever uma diversidade social que se expressa através das palavras e ganha forma na cidade mais negra no Brasil. Assim como nos textos da Maria Carolina de Jesus: “[...] quantas coisas eu quis, fazer fui tolhida pelo preconceito. Se eu extinguir quero renascer num país que predomina o preto” (1993, p.33). De igual modo, como

ressalta Conceição Evaristo em entrevista ao jornal Mídia Ninja: “Hoje temos um discurso literário criado a partir de dentro” (2019).

Outro tanto podemos apresentar aqui sobre a ideia de uma literatura negro-brasileira, tal qual apresentado por CUTI (2010) para colaborar com a nossa ideia do projeto. Esse é o nosso recorte de um conceito de literatura como aquela que tem por pauta “restituição de seu verdadeiro rosto que a alienação usurpou” (p. 46). Dessa forma, pensar nas poéticas periféricas das mulheres negras é pensar numa relação de contraponto com a literatura hegemônica, que durante muito tempo ditou e ainda dita regras. Isso ocorre não só na academia, mas em outras instâncias sociais. A sociedade brasileira tem a literatura como espelho que reflete, em sua maioria, homens brancos, héteros e cis. Eles carregam em suas narrativas o racismo de forma enraizada e que acabam virando referências no cânone literário. No entanto, a literatura negro-brasileira é atravessada por um discurso literário que carrega dores do cotidiano, não se mantém neutra, pois existe uma Humanidade dos que vivenciam o racismo e os apagamentos literários de perto.

Cuti também cita obras que na sua concepção carregam estereótipos racistas e que até hoje estão no centro das literaturas brasileiras, por exemplo, *Macunaíma*, de Mario de Andrade; *Canaã* de Graça Aranha; *Negrinha* de Monteiro Lobato, entre outras. Assim, ressaltamos que a Literatura também é espaço de tensões sociais e “dominação ideológica” (CUTI, 2010, p.11). E para se contrapor ao racismo, recorreremos às narrativas das mulheres periféricas.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para dar conta de nossa pesquisa, proponho uma olhada em algumas categorias que nos auxiliarão na investigação científica e colaborarão no resultado desta. Nesse sentido nos valem dos conceitos de escrevivência, de poética como performance e escritura.

Sobre escrevivência, a primeira vez que este termo apareceu foi na tese de mestrado da escritora Conceição Evaristo no período de 1995. Conceição, mulher negra nascida em Minas Gerais, trabalhou uma grande parte da vida como empregada doméstica. Agora escritora e professora, a autora que carrega em suas narrativas o termo criado a partir das experiências de mulheres negras, seja no continente africano ou na diáspora.

A escrita de si não segue apenas um modelo individual que pode ser considerado narcisista. Conceição fala de uma literatura que contempla existências coletivas, pois não "é uma experiência particular, mas uma experiência histórica" quando "acorda os donos da casa grande dos seus sonhos injustos"(EVARISTO, 2020, s/p).

Esse desaguar poético que ao mesmo tempo grita dores estruturais, também reverbera humanidade em seus personagens, uma vez que em cada subjetividade, demonstra o outro lado, o lado de uma sensibilidade e de um olhar mais humano que autores e autoras brancas não venham a ter.

Talvez seja possível entender a figura da Mãe Preta que se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras. Aqueles que ouviram as histórias da Mãe Preta nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando em favor daquela que lhes contava histórias. Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, a qual subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo. Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado em que o corpo-voz de mulheres negras, antes escravizadas, tem potência de transformar o mundo.

E, se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos Ancestrais. Potência de voz,

de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas Ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2000, s/p).

Enfim, escrevivência parte desse cotidiano, das dores e lembranças dessas mulheres, que também contavam suas histórias através da oralidade, passada por gerações.

Outra categoria importante para elaboração do nosso trabalho é o conceito de performance. No texto " O que é performance?" de Richard Schechener (2003), podemos observar algumas concepções elucidativas sobre o cenário das performances nas suas diversas áreas humanas. Ao dialogar com a filosofia, a arte, o cotidiano, podemos estabelecer os seguintes questionamentos: Tudo é performance? O que é performance e como realizar? Alguns pontos chaves para essas respostas nos auxiliarão a entender performance a partir do que o supracitado autor propõe como funções da performance, a saber: —1. “Na vida diária, cozinhando, socializando-se, apenas vivendo; 2. Nas artes; 3. Nos esportes e outros entretenimentos populares; 4. Nos negócios; 5. Na tecnologia; 6. No sexo; 7. Nos rituais – sagrados e seculares e 8. Na brincadeira” (Cf. SCHECHNER, 2003, p. 28). Diante disso, a performance pode ser compreendida como a existência de um devir, do que tudo pode ser ou tornar-se, no sentido que a performance não contempla sua intencionalidade em caixinhas. É a possibilidade de ser a interdisciplinaridade das coisas.

Mas é importante compreender que existe uma organização, já que existem categorias que aqui são: sendo, fazendo, mostrar fazendo, explicar fazendo, pelo fato de determinar ações que geram outros tipos de comportamento, influenciam. Em outras palavras, é um corpo político numa existência política.

Aplicado ao que queremos pesquisar, a performance pode ser uma dança, teatro, uma mãe alimentando seu filho e filma aquele acontecimento, reuniões de negócios. Em tudo isso, ninguém vai sair da mesma forma. Se assim pensarmos na filosofia de Heráclito, possamos entender o movimento da performance. Ressaltamos que é fundamental não generalizar, se houver repetições, não acontecerá nada da mesma forma. É preciso entender o contexto histórico e cultural também, através do tempo e na modificação dessas propostas. Schechener reuniu as principais características de uma performance: Entreter, construir algo belo, formar

ou modificar uma identidade, construir ou educar uma comunidade, ou seja, tudo pode ser considerado performance a partir dessa mudança no sujeito ou interlocutor.

Outra categoria que podemos nos valer para estabelecer a pesquisa é a de “inscritura”. Na tese “AS INSCRITURAS DO VERBO: dizibilidades performáticas da palavra poética africana” de Amarino Queiroz (2005) encontramos o conceito que pode nos auxiliar na compreensão do lugar e da escrita poética das mulheres suburbanas da cidade de Salvador.

Inicialmente para chegar ao conceito de inscritura, Amarino Queiroz lança mão de outros teóricos, por exemplo, Salvador Trigo que cunha o termo oratura. Trata-se de um conceito bastante escorregadio, pois não é possível compreender as demandas que nele abrange. Destacamos também outro autor citado por Queiroz, a saber, Lourenço Joaquim, que pensa nas narrativas africanas como expressão oral. Porém, quando nos deparamos com literatura, percebemos que ela aparece através de uma concepção apenas escrita e são esquecidas as outras formas, por exemplo, as outras singularidades extralinguísticas. Dessa maneira, as narrativas orais possuem um leque que foge de uma padronização muitas vezes imposta no sentido da escrita. Ao olharmos apenas através de uma perspectiva ocidental, podemos perder a multiplicidade de outras literaturas. Há muito tempo a estética hegemônica tem desconsiderado outras epistemologias na criação literária. Em suma, no contexto ocidental ainda percebemos a oposição entre o oral e o escrito; a tradição em oposição ao progresso.

Já a escritora Leda Martins, outro exemplo citado por Queiroz, enxerga a Oralitura como “esses gestos, essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo” (MARTINS, citada por QUEIROZ, 2005, p. 112) que parte de elementos performáticos que vai além de qualquer definição. Há que se pensar em algo para dar conta da pluralidade vocal africana e diaspórica. Nesse sentido Queiroz tece um caminho teórico apontando para a inscritura:

A idéia de inscritura de que nos estamos valendo aponta para uma categoria artística cuja representação é movente, fluida, aberta, inclusiva, manifestada pelo empenho de interação entre o oral e o escrito, mas assimilando e absorvendo elementos outros como o musical, o cênico e o pictográfico (QUEIROZ, 2005, p.114)

O como podemos ver, o autor estabelece alguns contrapontos que dialogaremos em nosso trajeto de pesquisa. Ao partir desses pressupostos apresentados acima, compreendemos

que existe tamanhas possibilidades de diálogos para analisarmos as narrativas das mulheres suburbanas nesse trabalho.

Diante do que expusemos até aqui, inscritura, envolve o movimento de performance, corpo, voz, entonação, fluidez, o cênico, conjunto que ao mesmo tempo é tudo e pode não ser nada, de tal modo que interage com a escrita e oral, a partir de uma narrativa de criação. Também há um diálogo com o movimento Hip Hop que é bastante amplo na sua construção artística de grafias e palavras. Isso vai além, podemos dizer que são “Letramentos de reexistência (SOUZA, 2010) que abordaremos mais à frente na problematização desse projeto.

Em suma, nossa trilha é perceber nas narrativas das mulheres suburbanas como processo de escrevivência, levando em conta, corpo, voz, vida no jogo da palavra movente. Palavra que resguarda a inscritura poética como política de (re)existência.

#### **4 PROBLEMATIZAÇÃO**

Apresento aqui as possibilidades de revisitar narrativas através das perspectivas de mulheres escritoras suburbanas, para poder encontrar em seus alicerces literários um ponto comum, a periferia sendo centro de partida das suas dores.

Anteriormente expus sobre as categorias teóricas (escrevivência, performance e inscritura) que são nelas vou me apoiar para realizar a pesquisa. Outra categoria necessária aqui é o de Letramento de reexistência, elaborado por Ana Lúcia Silva Souza (2011). A autora faz um apanhado das práticas de letramentos através dos elementos do Hip Hop, pois

Tais práticas de letramentos estão voltadas para a concretude da vida dos ativistas, relacionando-se às questões culturais e políticas e visando, de alguma maneira, ampliar suas possibilidades de inserção em algum lugar da crítica, contestação e de subversão, no qual, como sujeitos de direitos e produtores de conhecimentos, possam forjar espaços e atuar dentro e fora da comunidade em que vivem. Inserir-se nesses lugares provoca a inscrição em uma complexa rede de relações sociais, na qual, por meio de discursos, negociam-se a ocupação e sustentação de formas de participação social compromissadas com as transformações das relações sociais e raciais (SOUZA, 2011, p.17)

A partir do excerto acima, percebemos uma análise política ao pensar de que forma jovens negros da periferia estão inseridos no ambiente escolar. Tais questões perpassam pela

dimensão social, partindo do pressuposto que o índice de abandono nesses ambientes é bastante considerável.

Outra questão igualmente relevante é quando a autora traz, em suas discussões, a importância de uma outra metodologia de pesquisa que fuja de padrões embranquecidos e que busque uma linguagem que reaproxime esses sujeitos das práticas de letramentos. Afinal elas (as práticas de letramentos) são construídas fora ainda do ambiente escolar, através da família, comunidade, do próprio movimento Hip Hop.

Letramentos de reexistência traz os elementos do Hip Hop em forma de resistência e denúncia contra um sistema racista, misógino e também LGBTfóbico. Demonstra como nossa sociedade hierarquiza saberes e que denomina o que é importante ou não. As discussões como raça fica em última instância. Mesmo com a Lei 10.639/03 sobre o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, ainda existe uma dificuldade em pôr em prática esses ensinamentos. Talvez, a dificuldade seja da parte da gestão escolar, em que visa construir um modelo único, um pensamento heterogêneo que não abrace sequer as diferenças.

Inseridas em uma sociedade racista e excludente, as mulheres suburbanas sujeitas dessa pesquisa estão igualmente inseridas nas práticas de letramentos de reexistência. Ao usar a voz e o corpo como performance, elas se posicionam politicamente por meio de uma estética que não é hegemônica.

Diante do que expusemos, bem como a partir de um processo de escrevivência, nos damos conta de que as narrativas das mulheres suburbanas podem apontar para outros horizontes de compreensão e insurgências de sujeitos que rejeitam estar sob opressão. A partir disso, nos sobressalta uma pergunta: Qual é a relação da escrita com o Subúrbio Ferroviário nas narrativas poéticas das mulheres suburbanas?

A princípio, essa pergunta-problema nos auxiliará para poder compreender o lugar e a produção estética de mulheres que tecem suas experiências com os fios das palavras.

## 5 HIPÓTESE E OBJETIVOS

As mulheres negras do Subúrbio Ferroviário de Salvador vivem em constante processo de exclusão social, diante de todo racismo, machismo, com a construção de uma invisibilidade que é histórica e estrutural. Por isso, podemos perceber como possível resposta à nossa pergunta anterior que: a escrita surge como ferramenta de luta diante as opressões, numa sociedade que invalida seus saberes epistêmicos e, ao mesmo tempo, sugere que escrever é para um grupo seletivo, especificamente pessoas brancas. No entanto, as mulheres negras rejeitam e subvertem esse pensamento hegemônico racista. Elas conseguem fazer da palavra um *locus* da inscrição suburbana.

## 6 OBJETIVOS

### 6.1 GERAL

Analisar a relação entre as jovens mulheres periféricas e as narrativas poéticas no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

### 6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever os processos de apagamentos literários que estão inseridas as escritoras do Subúrbio Ferroviário de Salvador;
- Apresentar as escritoras do Subúrbio Ferroviário de Salvador;
- Verificar os discursos presentes sobre escrevivência na comunidade.

## 7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É sempre importante refletir sobre o conceito de Ciência. Como já assinalou (LAKATOS & MARCONI, 2001) “É a sistematização de conhecimentos, ou seja, um conjunto de proposições lógicas correlacionadas sobre um comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”. (p. 80). A partir disso, no campo das Ciências Humanas, pretendemos estudar o fenômeno das produções estéticas das narrativas poéticas das mulheres suburbanas. Para isso, é necessário delimitar o processo metodológico.

Em primeiro lugar, pretendo realizar uma pesquisa participante. Segundo Grossi (1981), pesquisa participante é um processo de pesquisa no qual a comunidade participa na análise de sua própria realidade, com vistas a promover uma transformação social em benefício dos participantes que são oprimidos.

Outro ponto importante é que esta pesquisa se classifica como qualitativa. Ressaltamos que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Em outras palavras, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2004, p. 21).

Em relação à coleta de dados, vou entrevistar as mulheres do subúrbio ferroviário para recolher os relatos das histórias de vida delas, por meio de depoimentos. Esse passo levará, ao final de toda a pesquisa, a construção de um documentário com dez escritoras de diferentes áreas do Subúrbio Ferroviário de Salvador.

Nesse sentido, como primeiro passo, faremos o levantamento do quantitativo de mulheres que serão as sujeitas de nossa pesquisa. Esse processo se dará por aproximação e pelo processo de convivência, uma vez que sou da comunidade.

Essa seleção das escritoras será feita a partir de pesquisas em saraus da região, redes sociais e na leitura de obras que mais se aproximam do conceito de escrevivência, já postulado pela escritora Conceição Evaristo.

Tendo em vista que será uma pesquisa participante qualitativa, esse projeto tem como base o “fazer junto” no sentido do diálogo. Na construção do documentário compreendo a

importância de ser um trabalho coletivo. Portanto, a aproximação do campo de pesquisa poderá ser através de uma roda de conversa com as personagens no Centro Cultural Plataforma. Do mesmo modo, vamos fazer a apresentação do projeto, por meio de leituras de poemas, da escuta das histórias. Após esse processo de reconhecimento das personagens de forma coletiva, os encontros passarão a ser de forma individual com cada escritora em sua localidade. E por fim, como já sinalizamos anteriormente, esse projeto resultará em um documentário, passando ao processo de edição.

Após todo o processo e realização do documentário, será impreterível um encontro de lançamento do trabalho na comunidade. Para contaremos com o apoio do Coletivo Cutucar e das escritoras. Nesse momento faremos um bate papo com recital de poesia.

Em suma, depois de todo o processo realizado, queremos divulgar as escreviências e os letramentos de reexistência das mulheres suburbanas de Salvador. Além disso, possibilitar que o resultado dessa pesquisa alcance a comunidade local, bem como outros espaços do nosso país.





## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. São Paulo. *Companhia das Letras*, 2017.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. Escrivivência. Seminário a escrivivência de Conceição Evaristo. 2020. In: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Visitado em: 04/04/2021.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: *Ideia*, 2005, 201-212.

JESUS, Carolina Maria de. **Onde está a Felicidade?** São Paulo: Edições Me Parió Revolução, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favela. 9. Ed São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

MAPA da violência de gênero. Disponível em <https://mapadaviolenciadegenero.com.br/>. Acesso em 28 jun 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2006.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. “Entre margens e centros: a poesia urbana de mano Solano e outros manos”. **Revista contexto**, núm. 26, 2014, pp. 144-156.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **As inscricuras do verbo**: dizibilidades performáticas da palavra poética africana. Univerdidade Federal de Pernambuco, 2007.

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?” **O percevejo**, ano 1, n. 12, p. 24-54, 2003, Rio de Janeiro: UNIRIO.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança, hip-hop. São Paulo: Parábola, 2011.